Revista Eletrônica
Acervo Saúde
Electronic Journal Collection Health ISSN 2178-2091

A influência no uso de psicofármacos no dia a dia da população idosa em Anápolis – GO

The influence of psychotropic drug use on the daily lives of the elderly population in Anápolis – GO

La influencia en el uso de psicofármacos en la vida cotidiana de la población anciana en Anápolis – GO

Bruno Silva Romano[1], Paulo Henrique Machado Rizzo[1], Haroldo Neto Diniz Antônio[1], João Pedro Garcia Cunha Lopes[1], Lucas Renck Melo[1], Murilo Queiroz Vieira[1], Luciana Vieira Queiroz Labre[1].

RESUMO

Objetivo: Investigar a influência do uso de psicofármacos no cotidiano de pessoas idosas assistidas pelo Programa Nacional da Universidade Aberta à Pessoa Idosa (UniAPI), em Anápolis-GO. **Métodos:** Trata-se de um estudo transversal descritiva, realizada entre 2024 e 2025, com 70 participantes selecionados entre os idosos vinculados ao programa. A coleta de dados foi realizada por meio de questionários impressos e digitais, com aplicação da escala MARS e da Escala de Fragilidade de Edmonton, além de análise estatística descritiva via SPSS Statistics. O estudo foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa. **Resultados:** Os resultados indicaram que 67% dos idosos faziam uso contínuo de medicamentos, sendo que 31,9% utilizavam psicofármacos. Os efeitos adversos foram relatados por 61,7% dos usuários, sendo o principal a confusão mental. Apesar de 21,4% dos idosos relatarem quedas, apenas 7,1% dessas ocorrências estavam associadas ao uso de psicofármacos. **Conclusão:** Conclui-se que, embora essencial em alguns contextos, os psicofármacos estão associados a um maior potencial de efeitos adversos, principalmente se presentes em contextos de polifarmácia, o que afeta o cotidiano dessa população.

Palavras-chave: Idosos, Psicofármacos, Transtornos mentais.

ABSTRACT

Objective: To investigate the influence of psychotropic drug use in the daily lives of elderly people assisted by the National Program of the Open University for the Elderly (UniAPI), in Anápolis-GO. **Methods:** This was a descriptive cross-sectional study conducted between 2024 and 2025, with 70 participants selected among elderly individuals enrolled in the program. Data collection was carried out through printed and digital questionnaires, with the application of the MARS scale and the Edmonton Frailty Scale, in addition to descriptive statistical analysis using SPSS Statistics. The study was approved by the Research Ethics Committee. **Results:** The findings indicated that 67% of the elderly continuously used medications, of which 31.9% used psychotropic drugs. Adverse effects were reported by 61.7% of the users, the main one being mental confusion. Although 21.4% of the elderly reported falls, only 7.1% of these events were associated with the use of psychotropic drugs. **Conclusion:** It is concluded that, although essential in certain contexts, psychotropic drugs are associated with a greater potential for adverse effects, especially when present in polypharmacy contexts, which directly affects their daily lives.

Keywords: Elderly, Psychotropic drugs, Mental disorders.

[1] Universidade Evangélica de Goiás (UNIEVANGÉLICA), Anápolis – GO.

SUBMETIDO EM: 10/2025 | **ACEITO EM: 11/2025** | **PUBLICADO EM: 3/2026**

RESUMEN

Objetivo: Investigar la influencia del uso de psicofármacos en la vida cotidiana de los adultos mayores atendidos por el Programa Nacional de la Universidad Abierta a la Persona Mayor (UniAPI), en Anápolis-GO. **Métodos:** Se trata de un estudio transversal descriptivo, realizado entre 2024 y 2025, con 70 participantes seleccionados de un universo de 300 adultos mayores vinculados al programa. La recolección de datos se realizó mediante cuestionarios impresos y digitales, aplicando la Medication Adherence Rating Scale (MARS-10) y la Escala de Fragilidad de Edmonton. Los datos fueron analizados con estadística descriptiva e inferencial mediante IBM SPSS Statistics. El estudio fue aprobado por el Comité de Ética en Investigación. **Resultados:** Se observó que el 67% de los participantes utilizaban medicamentos continuamente, de los cuales el 31,9% consumían psicofármacos. Entre los usuarios de medicamentos, el 61,7% reportaron efectos adversos, principalmente confusión mental. Asimismo, el 21,4% de los adultos mayores refirieron caídas, aunque solo el 7,1% de esos episodios se asoció con psicofármacos. **Conclusión**: Se concluye que, aunque esenciales en determinados contextos clínicos, los psicofármacos se relacionan con un mayor potencial de efectos adversos, especialmente en escenarios de polifarmacia, lo cual impacta directamente la vida cotidiana de esta población.

Palabras clave: Anciano, Psicotrópicos, Trastornos mentales.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento humano é um processo dinâmico que envolve diversas alterações fisiológicas e cognitivas, tornando as pessoas idosas mais vulneráveis a condições de saúde complexas. Entre essas alterações, destaca-se o declínio cognitivo, que pode afetar memória, atenção, linguagem, função executiva e gerar distúrbios psicológicos. Para o manejo dessas alterações, muitas vezes é necessário o uso de psicofármacos (MORESCO HL e SILVEIRA MM, 2022).

Os psicofármacos são substâncias químicas que influenciam o comportamento mental, podendo causar efeitos desejados no tratamento de doenças, mas também efeitos adversos, dependência física ou mental e complicações associadas à polifarmácia (OLIVEIRA JRF, 2021).

Essa classe inclui sedativos, ansiolíticos, antipsicóticos, antidepressivos e outros, sendo amplamente utilizada entre idosos, população que apresenta maior propensão ao uso de medicamentos em geral (SILVA ALG, et al., 2023; TIGRE ALG, et al., 2024).

O uso inadequado de psicofármacos, seja por erros de prescrição, automedicação ou falta de acompanhamento profissional, aumenta o risco de quedas, fraturas, hospitalizações e comprometimento da qualidade de vida (MORESCO HL e SILVEIRA MM, 2022).

Apesar da crescente utilização desses medicamentos, há escassez de pesquisas sobre padrões de uso, efeitos adversos e adesão terapêutica na população idosa, especialmente no contexto de programas de assistência universitária (SILVA ALG, et al., 2023).

Diante desse cenário, é essencial investigar o uso de psicofármacos por pessoas idosas, identificar inadequações terapêuticas e propor estratégias de acompanhamento que minimizem riscos à saúde. Assim, o presente estudo teve como objetivo avaliar o uso de psicofármacos entre a população idosa assistida pelo programa Universidade Aberta à Pessoa Idosa (UniAPI) de uma universidade privada em Goiás, analisando impactos no cotidiano, promovendo saúde e estimulando futuras pesquisas nesta área.

Entretanto a investigação sobre a influência do uso de psicofármacos dentro da realidade de idosos se faz necessária dado à relevância e a pouca disponibilidade de estudos que evidenciam esse cenário tão presente na atualidade. Entender como impactam dado a forma de uso e de prescrição dos medicamentos, sendo essa pesquisa passível de ser utilizada como base científica sólida para servir de apoio teórico à possíveis intervenções nessa área das ciências da saúde.

Por fim, ao concluir as questões levantadas por esse estudo, esse artigo pode ser usado na prática clínica dos profissionais de saúde permitindo um atendimento mais integral do paciente olhando para todas as esferas do tratamento, levando em consideração tudo o que impacta sobre a vida do idoso.

MÉTODOS

Tipo de estudo

Trata-se de um estudo transversal, de caráter descritivo, realizado no campus da Universidade Evangélica de Goiás em Anápolis-GO. As fontes de dados foram pessoas idosas assistidas pelo programa Universidade Aberta à Pessoa Idosa (UniAPI). O projeto foi desenvolvido entre 2024 e 2025.

População e amostra do estudo

A amostra foi de conveniência, composta por 70 idosos de um universo de aproximadamente 300 participantes do programa UniAPI. O número foi definido por critérios de acessibilidade e viabilidade, considerado suficiente para atender ao objetivo exploratório do estudo, ainda que não representativo da população total.

Coleta de dados

A coleta foi realizada por meio de questionário impresso, composto por perguntas objetivas e de fácil compreensão, garantindo acessibilidade aos respondentes. Os participantes foram previamente informados sobre os objetivos da pesquisa e receberam apoio para responder adequadamente ao instrumento. Foi assegurada a confidencialidade dos dados pessoais, que não serão divulgados em nenhuma circunstância. Para este estudo, polifarmácia foi definida como o uso concomitante de três ou mais medicamentos, conforme descrito na literatura (LICOVISKI PT, et al., 2025). Os idosos foram convidados dentro do campus, onde receberam explicações sobre a pesquisa e, após o aceite, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Foram utilizadas escalas validadas como suporte metodológico: a *Medication Adherence Rating Scale* (MARS), instrumento multidimensional de autorrelato composto por 10 itens que avalia comportamento de adesão, atitudes em relação ao uso da medicação e efeitos colaterais relacionados a psicotrópicos (FABRÍCIO-WEHBE SC, et al., 2009); e a Escala de Fragilidade de Edmonton, voltada à avaliação da funcionalidade e fragilidade em idosos (BRASIL, 2025). Critérios de inclusão: indivíduos de ambos os sexos, com idade ≥60 anos e assistidos rotineiramente pela UniAPI. Critérios de exclusão: idosos que não aceitaram participar ou não responderam ao questionário.

Instrumentos

Foram utilizadas duas escalas validadas: a Medication Adherence Rating Scale (MARS-10), instrumento multidimensional de autorrelato com 10 itens que avalia comportamento de adesão, atitudes em relação à medicação e efeitos colaterais relacionados a psicotrópicos (MIHANI J, et al., 2025; ODUBANJO OA, et al., 2024); e a Escala de Fragilidade de Edmonton, destinada à avaliação da funcionalidade e fragilidade em idosos (FABRÍCIO-WEHBE SC, et al., 2009).

Análise de dados

As variáveis contínuas foram avaliadas quanto à normalidade (teste de Shapiro-Wilk) e apresentadas como média ± desvio-padrão ou mediana (intervalo interquartil), conforme distribuição. Para comparações entre variáveis categóricas, aplicou-se o teste Qui-quadrado de Pearson; quando as frequências esperadas foram <5, utilizou-se o teste Exato de Fisher. A força de associação foi estimada pelo V de Cramer. Todas as análises foram realizadas no software IBM SPSS Statistics v.XX, adotando-se significância de $p<0,05$.

Aspectos éticos

O estudo seguiu as diretrizes da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com parecer 7.435.532 e Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) 84191724.4.0000.5076.

RESULTADOS

O presente estudo buscou avaliar a influência que os psicofármacos apresentam na rotina de idosos, bem como analisar se essa população tem domínio sobre o uso desses medicamentos por meio da avaliação de fatores desde sua obtenção, até possíveis complicações que possam ser relatadas, compatíveis com seu tempo de uso e efeitos adversos.

A média de idade observada entre os participantes foi de 71,07 anos. Com relação ao sexo da população estudada, verifica-se como apontado na **Tabela 1** uma predominância marcante do sexo feminino, representando 90% (n = 63).

No que diz respeito ao uso de medicamentos em geral, observou-se que 67% dos participantes (n = 47) estavam em uso contínuo, enquanto os outros 33% (n = 23) não utilizavam medicações no momento da coleta dos dados. Ao analisar especificamente o uso de psicofármacos, 21,4% dos idosos (15/70) faziam uso de algum medicamento dessa classe, enquanto a maioria (78,6%, n = 70) não relatou essa prática.

Cabe destacar que alguns participantes faziam uso de mais de um tipo de psicofármaco simultaneamente, o que justifica a soma das frequências absolutas ultrapassando o total de indivíduos usuários desses medicamentos. Com isso, é possível destacar que 31,9% (15/47) dos participantes que usam medicação utilizavam algum psicofármaco, conforme demonstrado na **Tabela 1**.

Tabela 1 - Distribuição dos dados sociodemográficos dos idosos assistidos pelo programa nacional da Universidade Aberta à Pessoa Idosa (n=70).

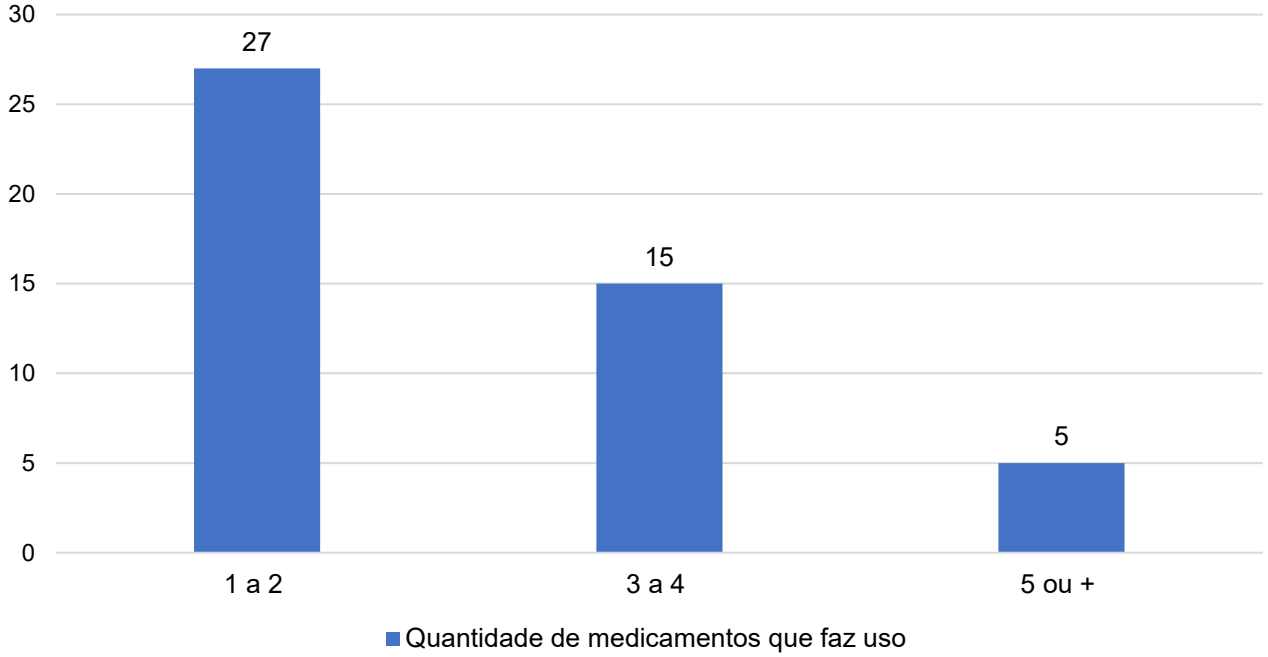
Variáveis	N	%
Idade Média ≥ 60	71,07	
Sexo		
Feminino	63	90
Masculino	7	10
Em uso de medicamentos (n=70)		
Sim	47	67
Não	23	33
Psicofármacos (n=47)		
Sim	15	31,9
Não	32	68,1
Classe (n=15)*		
Antidepressivos	8	53,3
Antiparkinsonianos	1	6,7
Ansiolíticos	3	20
Antipsicóticos	2	13,3
Estabilizadores de humor	2	13,3

Nota: *Na amostra os participantes podem utilizar mais de um psicofármaco simultaneamente.
Fonte: Romano BS, et al., 2026.

Observa-se na **Tabela 2** e no **Gráfico 1**, quanto ao uso de medicamentos, que 61,7% (n = 47) relataram a ocorrência de efeitos adversos em razão do uso das medicações, enquanto 38,3% não apresentaram tais efeitos.

A maioria dos idosos 57,4% (n = 47) fazia uso de um a dois medicamentos, seguida por 31,9% que utilizavam de três a quatro medicamentos. Apenas 10,6% faziam uso de cinco ou mais medicamentos. Todos os medicamentos utilizados pelos participantes foram obtidos por prescrição médica.

Gráfico 1 - Avaliação numérica do uso farmacológico de idosos assistidos pelo programa nacional da Universidade Aberta à Pessoa Idosa (n=47).



Fonte: Romano BS, et al., 2026.

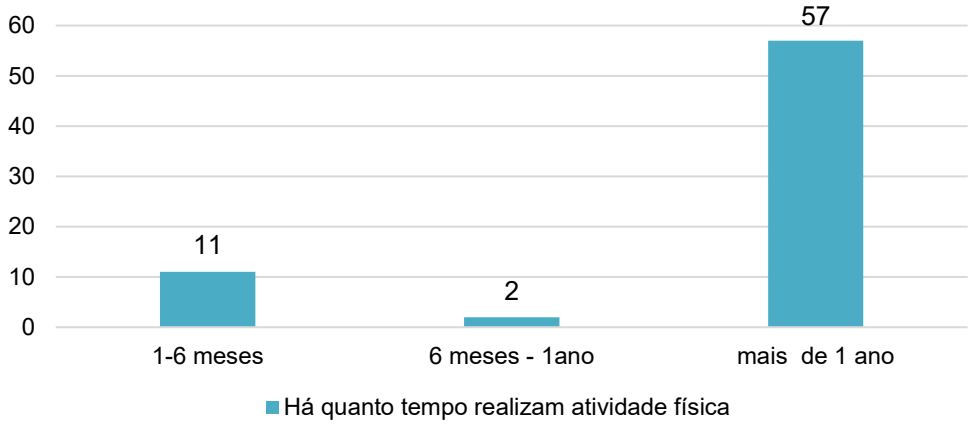
Em relação à prática de atividade física, avaliada para um melhor entendimento da condição funcional das pessoas idosas e descarte de eventual fragilidade, todos os participantes do estudo (100%, n = 70) realizavam algum tipo de exercício físico regularmente. Dentre os praticantes, a grande maioria (81,4%, n = 57) realizava atividade física vinculadas ao programa da universidade há mais de 12 meses, enquanto apenas 11 disseram que iniciaram esse hábito nos últimos 6 meses, como apontado no **Gráfico 2**.

Tabela 2 - Distribuição dos dados dos medicamentos e da realização de atividade física de idosos assistidos pelo programa nacional da Universidade Aberta à Pessoa Idosa (n=70).

Variáveis	N	%
Relatou efeitos adversos das medicações (n=47)		
Sim	29	61,7
Não	18	38,3
Quantidade de medicamentos que faz uso (n=47)		
1-2	27	57,4
3-4	15	31,9
5 ou +	5	10,6
Como foram obtidos os medicamentos (n=47)		
Prescrição médica	47	100
Automedicação	0	0
Realiza atividade física		
Sim	70	100
Não	0	0
Há quanto tempo faz atividade física		
1 - 6 meses	11	15,7
6 meses – 1 ano	2	2,9
+ 1 ano	57	81,4

Fonte: Romano BS, et al., 2026.

Gráfico 2 - Definição de tempo ao qual faz alguma atividade física de idosos assistidos pelo programa nacional da Universidade Aberta à Pessoa Idosa (n=70).



Fonte: Romano BS, et al., 2026.

Na **Tabela 3** foi descrita a relação entre o número de quedas desses idosos e a utilização de medicamentos e a presença de comorbidades. Foi observado que, entre os idosos participantes, 21,4% (n = 15) relataram ter sofrido pelo menos uma queda no último ano. Dentre esses, observou-se uma expressiva predominância do sexo feminino, representando 93,3% (n = 14) dos casos, enquanto apenas um caso (6,7%) ocorreu entre homens.

No grupo que sofreu quedas, a maioria fazia uso de medicamentos, totalizando 93,3% (n = 15), o que sugere uma possível relação entre polifarmácia e maior risco de instabilidade postural ou efeitos adversos, como tonturas e quedas. Apenas um idoso (6,7%) entre os que caíram não fazia uso de medicações no momento da coleta.

Quanto ao uso de psicofármacos entre os idosos que sofreram quedas, apenas um participante (7,1%) utilizava essa classe de medicamentos, enquanto 92,9% (n = 14) não faziam uso. Apesar da baixa frequência de psicofármacos no grupo com quedas, o dado merece atenção considerando os efeitos sedativos ou de comprometimento cognitivo que essas substâncias podem promover. Em relação às comorbidades, 60% (n = 9) dos idosos que sofreram quedas apresentavam alguma condição de saúde associada, enquanto 40% (n = 6) não relataram nenhuma comorbidade. Essa distribuição evidencia a importância do monitoramento clínico e funcional de idosos com doenças crônicas, que podem comprometer o equilíbrio, força muscular ou cognição.

Tabela 3 - Distribuição dos dados de quedas, medicamentos e comorbidades dos idosos assistidos pelo programa nacional da Universidade Aberta à Pessoa Idosa (n=70).

Variáveis	N	%
N° de quedas no último ano	15	21,4
Sexo		
Feminino	14	93,3
Masculino	1	6,7
Em uso de medicamentos (n=15)		
Sim	14	93,3
Não	1	
Psicofármacos (n=14)		
Sim	1	7,1
Não	13	92,9
Comorbidades (n=15)		
Sim	9	60
Não	6	40

Fonte: Romano BS, et al., 2026.

DISCUSSÃO

O estudo identificou prevalência relevante do uso de medicamentos entre idosos, incluindo psicofármacos, e associação significativa entre uso geral de fármacos e quedas, mas não especificamente com psicotrópicos. Esse achado, embora contraste com pesquisas que apontam maior risco de quedas relacionado a psicofármacos (OLIVEIRA JR, 2021), sugere que a polifarmácia e as comorbidades podem exercer papel mais determinante. Do ponto de vista clínico, reforça-se a importância do acompanhamento cuidadoso da prescrição na atenção primária, buscando reduzir eventos adversos e promover o uso racional de medicamentos. Entre as limitações, destacam-se o tamanho reduzido da amostra e o delineamento transversal, que impedem estabelecer causalidade. Recomenda-se a realização de estudos com maior número de participantes e seguimento longitudinal para aprofundar a compreensão sobre o impacto dos psicofármacos no cotidiano da população idosa.

Na contramão da média nacional que mostra uma grande taxa de uso de psicofármacos, superior aos 45%, os dados obtidos nesse estudo demonstraram que apenas 21,4% faziam uso de algum tipo de psicofármaco representando menos da metade da média nacional, surpreendendo as expectativas iniciais desse estudo.

Levanta-se também outro achado em relação a população amostral do estudo onde se firmaram como média de idade 71 anos onde a grande maioria são mulheres, cerca de 90% do total, o que corrobora com os achados prévios da literatura científica, como do estudo de Bahredar MJ (2014), que aponta maior longevidade e participação em programas sociais da terceira idade por parte das mulheres.

Avaliando-se mais profundamente a população que respondeu ao questionário, vê-se que 100% dos entrevistados realizam algum tipo de atividade física, o que pode ser um fator de melhora dos parâmetros de saúde mental, percepção semelhante ao que se apresenta no estudo de Oliveira LB (2024), onde se percebeu uma melhora significativa dos quadros de ansiedade e depressão em idosas praticantes de exercícios físicos de forma regular.

Em seguimento à avaliação dos participantes da pesquisa, foi percebido o alto número de entrevistados que apresentaram o uso contínuo de medicamentos (67%) entre os participantes como apenas uma lupa à já conhecida realidade de amplo uso farmacêutico pela população idosa, evidenciada também no artigo de Silva AL (2009).

Partindo para avaliação mais minuciosa dos psicofármacos, percebeu-se o predomínio do uso de antidepressivos compatível com a alta prevalência de Transtornos Mentais Comuns (TMC) entre as pessoas idosas, sobretudo dos quadros de depressão. A literatura aponta prevalências de TMC variando de 29,6% a 47,4% no Brasil, especialmente entre mulheres, pessoas com baixa escolaridade, e inseridas em contextos de algum nível de vulnerabilidade social apontados por Silva AL (2018). Esse ponto reforça novamente a diferença particular do grupo amostral do presente estudo, ao passo que os entrevistados em sua grande maioria apresentavam uma boa condição socioeconômica.

No que diz respeito às classes psicofarmacológicas, evidencia-se uma presença maior daquelas ligadas ao tratamento de depressão e em menor quantidade medicamentos para o parkinsonismo. Esse apontamento se reforça em estudos como o de Oliveira JR (2021), no qual é destacado o uso de antidepressivos como fluoxetina e sertralina, em contraste à antiparkinsonianos como a levodopa.

É importante também avaliar o dado de que alguns participantes fazem uso simultâneo de diferentes classes de psicofármacos. Esse fato reforça a preocupação com as interações medicamentosas e com o aumento da velocidade de geração de incapacidades por essa classe farmacêutica nessa população, apontada por Bosetto A (2020).

Neste estudo, observou-se que 61,7% dos idosos relataram efeitos adversos relacionados ao uso de medicamentos psicotrópicos, um achado compatível com a literatura, que destaca a maior vulnerabilidade da população idosa a esses eventos devido às alterações farmacocinéticas e farmacodinâmicas características do envelhecimento.

A presença de polifarmácia em 42,6% dos participantes — definida como o uso concomitante de três ou mais fármacos — representa outro fator importante, frequentemente associado a interações medicamentosas, aumento de hospitalizações e efeitos adversos.

A análise estatística da ocorrência de quedas no presente estudo mostrou que, embora a grande maioria dos episódios tenha ocorrido em mulheres (93,3%), não foi encontrada associação significativa entre sexo e quedas. Esse achado sugere que fatores além do sexo, como aspectos clínicos e farmacológicos, exercem maior influência nesse desfecho. De fato, o uso de medicamentos apresentou associação significativa com a ocorrência de quedas, uma vez que 93,3% dos idosos que caíram faziam uso contínuo de fármacos, em contraste com 60% no grupo sem quedas ($\chi^2(1)=5,67$; $p=0,017$; Cramer's $V=0,28$). Esse resultado reforça a literatura que aponta a polifarmácia como um dos principais determinantes do risco de instabilidade postural e quedas em idosos, destacado por Ramos KA (2022). No entanto, quando avaliado especificamente o uso de psicofármacos, observou-se uma frequência relativamente baixa entre os que caíram (7,1%) em comparação ao grupo sem quedas (21,8%), sem associação estatística significativa ($p=0,28$). Tal achado sugere que, nesta amostra, os psicofármacos não se mostraram preditores diretos de quedas, diferindo de outros estudos que destacam essa classe como potencial fator de risco, pontuado também pelos estudos de Moon A (2024). Essa divergência pode estar relacionada ao perfil mais ativo e funcional dos participantes, o que possivelmente atuou como fator protetor contra desfechos adversos associados ao uso de tais medicamentos.

Vale ressaltar ainda que, mesmo que os psicofármacos sejam utilizados como ferramentas terapêuticas de extrema importância, seu uso deve ser embasado em uma avaliação clínica criteriosa e acompanhamento contínuo, conforme apontado por diversas diretrizes terapêuticas. É válido pontuar positivamente o fato de que dentro da população deste estudo, todos aqueles que fazem uso de alguma medicação tiveram sua terapêutica definida com base em prescrição médica e fazem seguimento regular, o que afasta a preocupação com os riscos inerentes advindos da automedicação, e indo também contra o que é presente e normalizado em outras populações nas quais a obtenção de psicofármacos sem prescrição médica é presente, como aponta Rafati S (2023).

Apesar de todos os medicamentos utilizados terem sido obtidos por prescrição médica, o que demonstra um acesso formal ao tratamento, a frequência de efeitos adversos sinaliza a necessidade de maior cautela na seleção e no monitoramento dos psicofármacos nessa faixa etária.

Dessa forma, é fundamental considerar que a baixa adesão ou também um conhecimento limitado sobre os medicamentos utilizados pode comprometer a eficácia terapêutica e aumentar os riscos de efeitos adversos, fato esse também apontado por Filardi ACO (2019). Nesse sentido, a Escala de Adesão (MARS), é uma escala eficaz para avaliar essa adesão medicamentosa e que correlacionou essa baixa adesão com um aumento nos efeitos adversos, especialmente na população idosa. Além dela, a Escala de Fragilidade de Edmonton se mostrou também uma ferramenta eficaz na avaliação de fragilidade em idosos e o risco para desfechos adversos relacionados ao uso das medicações. Nesse sentido, combinar essas ferramentas na coleta dos dados permite uma melhor avaliação do risco em pacientes idosos, além de auxiliar na adaptação de um tratamento medicamentoso mais individualizado para se tornar mais eficaz o manejo dos efeitos colaterais medicamentosos e debilidade dessa população, fato que vai de encontro aos estudos de Liquori G (2022). A adesão medicamentosa foi avaliada pela MARS-10 (MIHANI J, et al., 2025; ODUBANJO OA, et al., 2024), enquanto a fragilidade foi mensurada pela Escala de Edmonton (FABRÍCIO-WEHBE SC, et al., 2009).

Retomando a ideia dos exercícios e seus efeitos protetivos, este estudo aponta que 81,4% realizavam essa prática há mais de um ano, o que pode exercer um efeito protetor contra algumas reações adversas, sobretudo aquelas relacionadas ao sedentarismo, como quedas e perda de massa muscular. No entanto, mesmo entre os fisicamente ativos, os efeitos adversos se mantiveram prevalentes, sugerindo que a prática de exercícios não elimina completamente os riscos associados ao uso de psicofármacos. Com base nos resultados apresentados na **Tabela 3**, percebe-se também que a grande maioria dos indivíduos que relataram algum episódio de queda recentemente (93,3%) fazem uso de algum fármaco, mas apenas 1 desses participantes fazia uso de alguma classe de psicofármaco. Dessa forma, é possível inferir que essa questão

associada à perda de equilíbrio não tem obrigatoriamente uma relação direta com o uso desse tipo de medicamento, como se tende a pensar.

Sendo assim, pode-se identificar que algumas classes de psicofármacos, como os antidepressivos, estão associadas com efeitos adversos mais brandos (se levarmos em conta efeitos para a funcionalidade e fragilidade desses idosos), apontados também nos estudos de Bosetto A (2020). Ademais, fica evidenciado no estudo de Seppala LJ (2018), que destacou o fato de que outras classes como antiparkinsonianos e antiepilépticos estavam associados a um maior número de quedas, seguidos de medicamentos opióides e analgésicos.

Este estudo apresenta algumas limitações como o fato de o delineamento transversal impossibilitar o estabelecimento de relações de causalidade. Outro fator limitante foi de que a amostra foi de conveniência, composta por idosos vinculados à um programa universitário, com perfil ativo e saudável, o que reduz a generalização para a população idosa em geral. Não obstante, o tamanho reduzido da amostra, sobretudo de usuários de psicofármacos, comprometeu o poder estatístico, refletido em intervalos de confiança amplos. Por fim, não foi possível discriminar os efeitos adversos atribuídos especificamente aos psicofármacos, pois a coleta considerou todas as medicações em conjunto.

Baseado nos resultados obtidos neste estudo, pode-se observar um aspecto positivo da assistência prestada pelo programa da UniAPI, que atua também com enfoque em promoção de saúde e não apenas na medicalização dos sintomas psíquicos, levando em consideração um tratamento integral do paciente. Apesar das particularidades do grupo amostral do presente estudo, como características socioeconômicas e de rotina, pode-se constatar que a influência da utilização e o uso em si de psicofármacos no dia a dia das pessoas idosas pode por vezes ser limitado com a apropriação do fortalecimento físico e mental desses indivíduos, proveniente de um suporte bem granjeado.

CONCLUSÃO

O envelhecimento populacional impõe desafios significativos aos sistemas de saúde, especialmente no que se refere à saúde mental das pessoas idosas e ao uso de psicofármacos, cuja prescrição deve ser criteriosa diante da fragilidade, das comorbidades e da redução da reserva cognitiva e funcional dessa população. A literatura evidencia que fatores como solidão, polifarmácia, falta de acompanhamento contínuo e automedicação intensificam os riscos associados, reforçando a importância de protocolos terapêuticos, abordagens interdisciplinares e acompanhamento longitudinal, aliados a estratégias de educação em saúde voltadas tanto às pessoas idosas quanto aos profissionais, de modo a minimizar os impactos do uso inadequado dessas medicações.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA, em especial ao Programa Universidade Aberta à Pessoa Idosa (UniAPI), pelo apoio institucional e pela disponibilização do espaço e dos recursos necessários para a realização desta pesquisa. Estendemos nossa gratidão aos participantes do estudo, que colaboraram com informações levantadas para a construção deste trabalho.

REFERÊNCIAS

1. AKIN S, et al. Polypharmacy and falls-risk-increasing drugs in community-dwelling older adults: a cross-sectional study. European Geriatric Medicine, 2023; 14(5): 877-885.
2. ANTUNES MC, et al. Trabalho de Grupo com Mulheres Idosas da Universidade Aberta da Terceira Idade — UnATI/UERJ: uma experiência do Serviço Social. Interagir: pensando a extensão, 2016; 1: 61.
3. BATOOL N, et al. Impact of potentially inappropriate psychotropic medicines on falls in residential aged care: a multicentre study. BMJ Open, 2025; 15(2): e056732.
4. BOSETTO A, et al. Interações medicamentosas entre psicofármacos e a relação com perfil de prescritores e usuários. Journal Health NPEPS, 2020; 5(1): 186-206.

5. FABRÍCIO-WEHBE SC, et al. Cross-cultural adaptation and validity of the Edmonton Frail Scale (EFS) in a Brazilian elderly sample. Revista Latino-Americana de Enfermagem, 2009; 17(6): 1043-1049.
6. FILARDI ACO, et al. O uso de psicofármacos associado ao desenvolvimento de incapacidade funcional em idosos. Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research, 2019; 28(1): 56-60.
7. GALLAGHER E, et al. Psychotropic medication use and future unexplained and injurious falls and fracture amongst community-dwelling older people: data from TILDA. European Geriatric Medicine, 2023; 14: 455-463.
8. GUO M, et al. Psychiatric medications and their association with hip fractures in older adults: a systematic review. BMC Geriatrics, 2024; 24: 1123.
9. LICOVISKI PT, et al. Polypharmacy in the Brazilian elderly population and associated factors: a cross-sectional analysis. Ciência & Saúde Coletiva, 2025; 30(1): 115-126.
10. LINKIEVICZ NM, et al. Deprescribing psychotropic drugs in a geriatric psychiatry setting: a cross-sectional analysis. International Psychogeriatrics, 2024; 36(7): 755-764.
11. LIQUORI G, et al. Medication adherence in chronic older patients: an Italian observational study using Medication Adherence Report Scale (MARS-5I). International Journal of Environmental Research and Public Health, 2022; 19(9): 5190.
12. MAUST DT, et al. Prescription characteristics associated with fall-related injury risk among older adults prescribed benzodiazepines: a cohort study. BMC Geriatrics, 2022; 22: 824.
13. MIHANI J, et al. Validity and reliability of the Medication Adherence Report Scale (MARS-5) in adults. Journal of Patient-Reported Outcomes, 2025; 9(1): 37.
14. MOON A, et al. Risk of falls or fall-related injuries associated with psychotropic medications: a systematic review and meta-analysis. Age and Ageing, 2024; 53(2): afae023.
15. MORESCO HL, SILVEIRA MM. Desempenho cognitivo, qualidade de vida e uso de psicofármacos por idosos. Revista Kairós-Gerontologia, 2022; 25(1): 739-754.
16. ODUBANJO OA, et al. Medication adherence in geriatric patients attending outpatient clinics: application of the MARS scale. International Journal of Clinical Pharmacy, 2024; 46(3): 589-597.
17. OLIVEIRA JR, et al. Descrição do consumo de psicofármacos na atenção primária à saúde de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. Cadernos de Saúde Pública, 2021; 37(1): e000123.
18. OLIVEIRA LB, et al. Sensibilidade plantar e funcionalidade de idosas não praticantes de exercícios físicos. Comunicação em Ciências da Saúde, 2024; 4(1): 1-10.
19. RAFATI S, et al. Prevalence of self-medication among the elderly: a systematic review and meta-analysis. Journal of Education and Health Promotion, 2023; 12: 67.
20. RAMOS KA, et al. Effect of polypharmacy and fall-risk-increasing drugs on falls among older adults. Journal of the American Geriatrics Society, 2022; 70(9): 2560-2572.
21. SEPALLA LJ, et al. Fall-risk-increasing drugs: A systematic review and meta-analysis: III. Journal of the American Medical Directors Association, 2018; 19(4): 372.
22. SILVA AL. Estudo de utilização de medicamentos por idosos brasileiros. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
23. SILVA AL, et al. Prevalência de prescrição de psicotrópicos a idosos atendidos na atenção primária à saúde. SANARE - Revista de Políticas Públicas, 2023; 22(2): 1-10.
24. SUSSURANA CF, et al. Polypharmacy and drug classes in fall risk among older adults: a systematic review. Geriatrics & Gerontology International, 2023; 23(8): 684-693.
25. TIGRE BS, et al. Avaliação do uso de psicofármacos no serviço público de saúde. Revista Sociedade Científica, 2024; 7(1): 2043-2054.
26. WANG GHM, et al. Longitudinal patterns of antidepressant and benzodiazepine use associated with injurious falls in older adults with depression: a retrospective cohort study. BMC Medicine, 2025; 23: 487.
27. MIHANI J, et al. Validity and reliability of the Medication Adherence Report Scale (MARS-10) in adults. Journal of Patient-Reported Outcomes, 2025; 9(1): 37.
28. ODUBANJO OA, et al. Medication adherence in geriatric patients attending outpatient clinics: application of the MARS scale. International Journal of Clinical Pharmacy, 2024; 46(3): 589–597.